

A POSIÇÃO DA LINGÜÍSTICA APLICADA FACE ÀS DEMAIS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Fernando José da Rocha

Assistant au C.T.M., Institut de Linguistique
Université Catholique de Louvain

A fim de estabelecer a posição da lingüística aplicada face à lingüística histórico-comparativa, à lingüística descritiva e às demais ciências que contribuem para o ensino de línguas, este estudo apresenta uma descrição sob os pontos de vista histórico, metodológico e dos objetivos de cada uma das disciplinas lingüísticas acima mencionadas. Para facilitar a visualização das relações existentes entre a lingüística aplicada e as demais ciências, propomos o exame de dois quadros demonstrativos.

1. Lingüística histórico-comparativa

Feito um levantamento das distintas posições defendidas por autoridades no assunto em questão, encontramos a de R. H. Robins (1964, p. 6) a mais adequada ao estudo ora empreendido. Para aquele autor, a lingüística histórica pode, de um certo modo, ser considerada como um caso especial da lingüística comparativa, ramo este creditado como o mais antigo da lingüística moderna. Vários cientistas mostram sua discordância quanto à origem desta ciência, que é também conhecida pelo nome de filologia comparada. Para certos estudiosos ingleses, Sir William Jones lançou seus fundamentos em 1783; Bertil Malmberg (1968, p. 12) atribui sua fundação ao dinamarquês Rasmus Rask, que viveu de 1783 a 1832, enquanto Georges Mounin (1967, p. 180) nos diz que, dependendo do critério adotado, a criação da lingüística histórica pode ser considerada como obra de Jacob Grimm (1822), ou de Friedrich Diez (1819) ou ainda de August Schleicher (1870), os três de nacionalidade alemã.

A lingüística comparativa tem por objetivo a comparação entre duas ou mais línguas, segundo um ou vários pontos de vista, e também as técnicas utilizadas para tais comparações. Certos lingüistas, como Jeffrey Ellis (1966, p. 13-14), chegam a enumerar 18 tipos e subtipos de comparações possíveis; no entanto, os tipos principais de comparação são dois, a saber:

a) a comparação tendo por objetivo ou fundamento o estabelecimento de relações históricas entre certas línguas, isto é, visando demonstrar

que as formas das línguas em estudo são oriundas de uma forma postulada em uma língua aparentada putativa, ou que as formas de uma determinada língua remontam àquelas de uma outra língua mais antiga; este tipo de comparação visa, portanto, o estabelecimento de relações de parentesco genético;

b) a comparação baseada na similitude de traços entre diferentes línguas sem que qualquer consideração de ordem histórica seja envolvida; o tipo de relações estabelecidas é, neste caso, de parentesco tipológico (1).

Os termos sincrônico e diacrônico são empregados para estabelecer a distinção respectiva entre assertivas que descrevem uma fase de uma língua como um meio de comunicação contido em si próprio e durante um determinado período de tempo, dentro do qual, arbitrariamente, se a considera imutável; e assertivas relativas a mudanças ocorridas numa mesma língua durante a passagem dos anos.

A metodologia da lingüística comparativa baseia-se em mudanças que se operam uniformemente nos sons de uma língua (leis fonéticas). Este tipo de estudo, quer efetuado em termos gerais, quer concentrado em uma área particular de uma língua (p. ex., Inglês, do período antigo ao atual) deve ser adequadamente fundamentado em descrições, mesmo que parciais, de dois ou mais estágios da evolução da língua estudada. O interesse suscitado pela lingüística comparativa levou estudiosos à investigação de famílias lingüísticas distintas da indo-européia, bem como ao início do tratamento descritivo das línguas contemporâneas em tempo presente, como se elas não tivessem história. Os lingüistas comparativos do século XIX foram os fundadores de toda a ciência lingüística moderna.

2. Lingüística descritiva

A lingüística descritiva evoluiu da lingüística histórico-comparativa, ocupando hoje uma importante posição nos estudos lingüísticos. Ela é considerada como sendo "o aspecto fundamental do estudo da linguagem, uma vez que constitui a base e é um pressuposto (ou deve ser pressuposta como tal) da lingüística histórica-comparativa" (Robins, 1964, p. 5) e, como veremos mais tarde, da lingüística aplicada também.

A lingüística descritiva abarca a descrição e a análise dos modos operacionais de uma língua, e o uso que dela faz um certo número de indivíduos em um tempo determinado, que pode ser tanto o presente quanto o passado. Presente, se a língua que está sendo objeto de estudo não

dispõe de uma forma escrita, ou se esta foi desenvolvida muito recentemente. Passado, quando se dispõe de documentos escritos adequados. Em tempo passado são estudadas tanto as línguas mortas, quanto as fases anteriores de línguas ainda em uso corrente. Diferentes teorias (estruturalista, estratificacionalista, transformacionalista etc.) e diferentes técnicas permitem a obtenção de um número ilimitado de descrições do todo ou parte de uma mesma língua. Todavia, para que uma análise lingüística seja mantida em nível puramente descritivo, um limite a um período específico, presente ou passado, deve ser obedecido, e nenhuma referência a outras línguas, ou fatos acontecidos antes ou depois da faixa de tempo em questão podem ser levados em consideração.

3. Lingüística aplicada

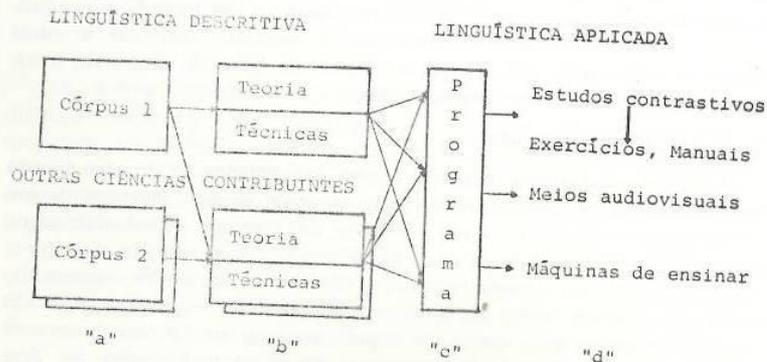
A lingüística aplicada teve sua origem nos Estados Unidos na década compreendida entre 1940-50, sendo fruto da tentativa dos lingüistas de encontrarem uma solução para os problemas pedagógicos experienciados no ensino de línguas. A Universidade de Michigan foi a primeira a incluí-la em seu programa de cursos, no ano de 1946. O então diretor daquele departamento, Charles Fries, disse ser o objetivo da lingüística aplicada "tornar mais eficiente o ensino de línguas estrangeiras através de pesquisas orientadas (métodos de testagem, uso de meios audiovisuais) ou através da aplicação dos conhecimentos do estruturalismo (uma melhor organização dos padrões lingüísticos a serem ensinados)" (Engels, 1968, p. 5)

Em seu estudo feito sobre a **Teoria Lingüística da Tradução** (1953, p. 19), J. C. Catford define a lingüística aplicada como "todas aquelas aplicações da lingüística geral que depassam a explicação do funcionamento das línguas, ou a descrição de uma ou mais línguas específicas, sem algum outro objetivo que a descrição em si mesma". Uma outra focalização interessante encontramos em André Martinet (1969, p. 210) que nos diz ser o principal objetivo da lingüística aplicada o aprimoramento das condições de comunicação lingüística. No entanto, desde sua criação, a lingüística aplicada teve seu domínio largamente ampliado em diferentes direções, tornando-se assim um termo ambíguo, cujas aplicações variam bastante segundo o uso específico que se lhe faz. Em seu sentido amplo, a lingüística aplicada inclui o emprego das modernas teorias sobre computadores eletrônicos (no tratamento automático da informação ou tradução automática), tradução em geral, tratamento de problemas da fala (afasia, p. ex.), o ensino de línguas e outras disciplinas. Em seu sentido restrito, ela preocupa-se exclusivamente com o ensino de línguas em todos os seus aspectos. Esta última interpretação nos permite concluir que a lingüística aplicada abarca muitas áreas outras que somente aquela da lingüística, entre as quais podemos citar a da psicologia, sociologia, eletroacústica, neurologia etc.. L. K. Engels (1968, p. 10) coloca de uma forma muito feliz que "seria melhor se definíssemos a lingüística aplicada como sendo o ponto de reunião da lingüística e de outras ciências". É nesse ponto de reunião que focalizaremos nossas próximas considerações.

1) A comparação visando o estabelecimento de distinções e semelhanças entre duas ou mais línguas modernas — a Análise Contrastiva —, por ter uma metodologia que lhe é própria, e objetivos principalmente pedagógicos, deve ser classificada no quadro da lingüística aplicada.

4. Relações Interdisciplinares

O modo pelo qual se relaciona a lingüística aplicada, a lingüística descritiva e as demais ciências que contribuem para o ensino de línguas pode ser mais facilmente examinado com o auxílio do organograma seguinte:



No setor "a" situam-se:

- o cópous 1 — o cópous lingüístico —, ou seja, o material lingüístico a ser observado, classificado e analisado pelo lingüista;
- o cópous 2 — o cópous (ou cópous) não lingüístico, que varia quanto à sua natureza a fim de adaptar-se às necessidades das outras ciências que contribuem para o ensino de línguas. Algumas vezes o lingüista e o cientista "contribuinte" fazem uso do mesmo cópous, mas, neste caso, o cópous em questão é estudado de acordo com as teorias e técnicas próprias a cada ciência.

No setor "b" faz-se a análise do cópous lingüístico, bem como a dos cópous (ou cópous) pertinentes a cada uma das outras ciências contribuintes.

No setor "c" o lingüista (dito aplicante) utiliza a informação que lhe é fornecida pelo setor "b" na preparação de uma série de programas que visam a solução de problemas pedagógicos específicos.

No setor "d" finalmente os resultados práticos de todo o trabalho devem aparecer. As formas mais adequadas de solução aos problemas propostos devem ser obtidas.

Entre a lingüística aplicada e a histórico-comparativa o único ponto de encontro é que ambas pressupõem uma lingüística descritiva. As demais relações possíveis de serem estabelecidas são todas de oposição, como resumidas no quadro abaixo.

	LINGÜÍSTICA COMPARATIVA	LINGÜÍSTICA APLICADA
OBJETIVOS	procurar estabelecimento de relações filogenéticas	aprimorar os métodos e resultados do ensino de línguas
CORPUS	principalmente sons e palavras individuais	estruturas lingüísticas em todos os níveis
TEMPO	sincrônico ou diacrônico	somente sincrônico
METODOLOGIA	própria	própria

A partir da breve análise feita, podemos ver que a lingüística aplicada, embora haja adotado e adaptado técnica da lingüística histórico-comparativa e necessite da contribuição da lingüística descritiva (bem como de outras ciências), constitui um ramo autônomo entre as ciências da linguagem. Podemos dizer que é em reconhecimento a essa autonomia, que se nota atualmente uma forte tendência entre os lingüistas de classificarem sua ciência, a exemplo de outras (física, química etc.), segundo seu aspecto teórico ou prático, ou seja, distinguir a lingüística pura de lingüística aplicada.

BIBLIOGRAFIA

- CARROLL, J. B. **The Study of Language: A Survey of Linguistics and Related Disciplines in America**. Cambridge, Mass., Harvard Univ. Press, 1953.
- CATFORD, J. C. **A Linguistic Theory of Translation**. London, Oxford Univ. Press, 1968.
- ELLIS, J. **Towards a General Comparative Linguistics**. The Hague, Mouton, 1967.
- ENGELS, L. K. **Applied Linguistics**. Leuven Tijdschrift Van Het ITL n.º 1, 1968.
- LANGACKER, R. W. **Language and Its Structure: Some Fundamental Linguistic Concepts**. New York, Harcourt, Brace and World, Inc., 1967.
- MACKEY, W. F. **Applied Linguistics: Its Meaning and Use**. English Language Teaching nº 20, 1968, pp. 197-206.
- MALMBERG, B. **Les Nouvelles Fendences de la Linguistique**. Paris, PUF, 1968.
- MARTINET, A. Linguistique Appliquée. In: —. **La Linguistique: Guide Alphabétique**. A. Martinet, dir., Paris, Denoel, 1969, pp. 209-214.
- MOUNIN, G. **Histoire de la Linguistique des Origines au XIX Siècle**. Paris, PUF, 1967.
- ROBINS, R. H. **General Linguistics: An Introductory Survey**. London, Longman's Green & Co. Ltd., 1964.
- VINAY, J. P. **L'Enseignement et l'Apprentissage d'Une Langue Seconde**. In: —. **Le Langage, Encyclopédie de la Pleiade**, Bruges, Gallimard, 1968, pp. 685-788.